

Recensão do Filme “Flawless”

Uma análise à luz da Teoria das Transições em Enfermagem de Afaf Meleis

Autores: Ermelinda Macedo¹; Cristina Martins²; João Macedo³

¹ Professora Adjunta da Escola Superior de Enfermagem da Universidade do Minho; Doutora em Psicologia

² Professora Adjunta da Escola Superior de Enfermagem da Universidade do Minho; Doutora em Enfermagem

³ Professor Adjunto da Escola Superior de Enfermagem da Universidade do Minho; Doutorando em Bioética

Dezembro, 2020

Vigoroso, joga ténis. Walt é o seu nome. “Você vence, sempre”, dizem-lhe. Homem seguro das suas ideias e com convicções muito fortes. Apresenta até uma certa arrogância (na nossa perspetiva). Vive num prédio, que parecia um hotel, mas “isolado”. Não se revê, especialmente nuns companheiros *drag queen* que lá vivem. Não suporta as suas formas de viver, que são absolutamente diferentes das suas e, com as quais, não se identifica minimamente. Repugna-os. Bate-lhes com a porta, quer metaforicamente, quer literalmente. Do outro lado, há toda a receptividade para manter um relacionamento saudável, mas Walt recusa recorrentemente.

Cioso da sua imagem. Quando sai arranja-se com todo o primor. Fuma cigarrilhas. Frequenta um salão de dança. Dança sempre com a mesma mulher e dançam na perfeição, ao ponto de tudo parar para os ver dançar. Frequenta o mesmo salão outra mulher, que sempre lhe pede para dançar com ela, mas sem sucesso, porque não a considera uma “dama”. Com a primeira, tem momentos de muita intimidade, mas ela arranja sempre forma de conseguir algum dinheiro decorrente destes momentos. Ele responde.

Vamo-nos apercebendo que é um homem rico e com uma vida confortável e ousada! Tem uma arma em casa.

Numa cena de violência no hotel, Walt sofre um acidente vascular cerebral.

Encontramos, agora, Walt numa cama de hospital, paralisado do lado direito. Não sabemos a duração do internamento, mas à saída recusa ajuda de um voluntário para o auxiliar no regressar a casa... “eu vou só”.... “eu consigo”. Com uma ajuda técnica (pirâmide de tripé), mas “arrastando-se”, consegue chegar a casa. As pessoas que o conhecem reagem incrédulos à sua nova condição... “não posso acreditar no que aconteceu com ele”.

Estamos perante um homem militar com muito sucesso, mas aposentado. Um homem que, à primeira vista, tem uma autoestima alta, um autoconceito bem sedimentado, com uma vida centrada nele próprio, amante da diversão e do desporto, com estigma relativo a *drag queen* e a prostitutas. Não suporta, pelo menos, estes dois grupos. Tanto quanto nos apercebemos, é heterossexual. Vive numa bolha que, pensa ele, nunca rebentará (esta é a nossa interpretação).

Diríamos que estamos perante o homem 1. (Entrada)

Pois, mas a determinada altura da vida, o seu perimundo desmorona-se. É vítima de um acidente vascular cerebral que o limita para as atividades de vida diárias.

Começa aqui o desenvolvimento do homem 2. (Processo)

Walt vivencia agora um processo de transição de tipo saúde/doença de padrão único, à luz da teoria das transições em enfermagem (Meleis, 2010)¹

Vamos tentar ver como ele se “transforma” (sim, porque os processos de transição implicam transformação, movimento e adaptação), ou seja, como ele atinge os indicadores de resultado, que nos indicam que transitou para o homem 2, com “mestria”, isto é, se Walt vai evidenciar domínio de conhecimentos, das habilidades e dos comportamentos para lidar com a sua nova condição de saúde, e “identidade integradora fluida” (reformulação da identidade). Com certeza que vamos identificar alguns indicadores de processo ao longo desta transformação, esperamos nós!

Numa primeira análise, Walt tem todas as condições para que tudo resulte bem. Fatores individuais, fatores económicos e fatores sociais. Bem, alguns dos fatores, incluídos os sociais, nomeadamente as relações com alguns intervenientes, à primeira vista, não irão ajudar muito, mas vamos indo e vendo.

Estamos com o Walt, agora em casa, sozinho. Olha à sua volta, como se fosse a primeira vez que entrava na sua casa. Olha para os troféus que ganhou enquanto exerceu a sua profissão. Tenta abrir um frasco de medicamentos com a mão, mas não consegue. Tenta com a boca. Usa diversas estratégias, até que o parte com uma embalagem que tinha perto de si. Chora! Senta-se com uma arma apontada à cabeça e continua a chorar, insistentemente (nós tínhamos dito que ele tinha uma arma em casa, não tivesse sido ele um militar de sucesso, cujas fotografias e troféus espalhados pela casa o documentam). Não atende a porta, não é visto na rua e tenta desvencilhar-se sozinho.

¹ Meleis, A. H. (2010). *Transitions theory: middle range and situation specific theories in nursing research and practice*. New York: Springer Publishing Company.

Pois, parece que começa mal... isola-se do mundo exterior, construindo, agora, outra bolha à sua volta, bem diferente da primeira. Não se “sente ligado” a ninguém, nem a nada (primeiro indicador de processo, mas negativo), nem “interage” (segundo indicador de processo, mas negativo também). Do mesmo modo, não se “sente situado”, isto é não se consciencializa nem aceita a nova condição de saúde (terceiro indicador de processo, nesta altura da história, também negativo). Neste momento do filme, é difícil dizer se Walt vai desenvolver “confiança e estratégias de *coping*” (quarto indicador de processo).

Na nossa cabeça soa uma campainha... “ele não pode ir por este caminho”. Aliás, soa e soará a todos os que viram ou venham a ver o filme. Porque é que pensamos assim? Porque sabemos que irá ter uma “saída” negativa, com estes indicadores de processo. Pois é, um processo de transição implica uma entrada e uma saída, sendo longitudinal e implica tempo, mas esta saída pretende-se positiva. Este não será, de todo, um caminho possível para conseguir os indicadores de resultado de que falamos. De todo!

Ficamos curiosos, com as próximas cenas do filme. Queremos mesmo saber se ele se transformará no homem 2 e, como. Vamos vendo e refletindo, tendo em atenção sempre a teoria das transições em enfermagem e tentando encontrar pontos de interesse para o analisar com base nesta teoria. Pensamos, a determinado momento, que não iríamos conseguir fazê-lo e, paramos.

Depois, com alguma ousadia, pensamos que sim. Porque não?

Regressamos à cena de Walt sentado com a arma apontada à cabeça.

A médica que o acompanhou no hospital bate-lhe à porta. Diz quem é e, ele abre e recebe-a. Manifesta preocupação com ele, porque nunca mais foi ao hospital, não iniciou a fisioterapia e nem atende o telefone (indicadores de processo nada animadores). Menciona, ainda, que os vizinhos estão preocupados e que Walt não permite que o visitem. A médica senta-se em frente a ele e diz-lhe que percebe que não queira que os amigos o vejam assim. Oferece o serviço de um fisioterapeuta ao domicílio três vezes por semana (intervenções em saúde). Walt não diz uma palavra (pensamos que não é pela disartria, que se veio a perceber que apresentava, mas porque está fechado em si próprio)... encolhe os ombros. Acaba por acenar com a cabeça, “dizendo” que sim. Ficaria mais caro, mas Walt não tinha problemas com isso. Continua emocionado. Esquecemo-nos de dizer que o líder do grupo *drag queen* (Rusty), com quem ele não se relacionava, tampouco suportava, o observa sentado na cadeira pela janela do seu domicílio.

Neste momento, estamos perante um Walt que apresenta algumas condições facilitadoras do processo de transição: um *status* socioeconómico favorável; acedeu à proposta da médica para a fisioterapia, o

que pode indiciar vontade de recuperação (volição); demonstra, ainda que com muitas reticências, uma inclinação para agir (atitude); e tem suporte disponível dos cuidadores na tomada de decisão. Como fatores inibidores da transição: alguns princípios orientadores da sua vida que constituem crenças sobre os outros, nomeadamente a visão negativa dos vizinhos *drag queen*, que até aqui não lhes “serviam para nada”.

Encontramos Walt numa lavandaria a lavar a sua roupa. Entra Rusty, que o cumprimenta muito afavelmente e lhe oferece ajuda. Walt recusa veemente e cai. Levanta-se sozinho e, sozinho fica, porque o colega de hotel não apreciou a sua reação e abandonou o local.

Pensamos... assim não vai conseguir (os indicadores de processo não indiciam um bom caminho).

Mas, Walt está agora com o fisioterapeuta (aceitação de ajuda – bom indicador de processo) deitado. Entra um antigo colega de trabalho, reclamando a sua ausência e reforçando a sua bravura, enquanto no ativo. Oferece-lhe ajuda. Junta-se às condições facilitadoras da transição de Walt.

O fisioterapeuta aconselha-lhe aulas de canto para melhorar a fala. Dá-lhe um contacto de uma professora. Walt observa o cartão, como quem nos quer dizer, ligo ou não ligo? Vai à rua, não sabemos com que intenção, e perde o cartão. Podemos dizer que começa o “envolvimento” – uma propriedade das transições que implica a participação ativa e empenhada no processo de transição. Claro que para existir este envolvimento, Walt começa um caminho para outra propriedade das transições – a “consciencialização”, a qual está relacionada com a perceção, o conhecimento e o reconhecimento da experiência da sua transição saúde doença. É necessária consciencialização da mudança para que a transição se inicie.

Começamos a pensar que Walt percebeu que a sua forma de viver anterior chegou ao fim e que tem de se reorganizar numa forma diferente e nova, para ser e estar na vida (o que, acabámos de dizer, implica que Walt entrou num processo de se “ir consciencializando”).

Agora surpreendidos, vemos Walt a bater à porta do apartamento dos *drag queen*. Rusty abre a porta e não acredita no que está a ver... Walt com muita dificuldade pede-lhe que lhe dê aulas de canto (aceitação de outra ajuda – outro bom indicador de processo). Rusty recusou e, agora, foi ele que lhe bateu com a porta. Já Walt descia as escadas em direção a casa, quando Rusty abre a sua porta devagarinho e aceita se ele pagar em dinheiro. Walt reforça que não pretende a pena dele (de facto, não é de pena que as pessoas precisam, quando vivenciam um problema como este).

No dia seguinte, lá está Walt para a primeira aula de canto (início da construção de novos relacionamentos – outro bom indicador de processo). A primeira aula não resulta bem. Walt refere não conseguir e a aula termina com insultos mútuos. Rusty pensa, desce as escadas e vai a casa de Walt. Para que Walt lhe abra a porta é preciso dizer-lhe algumas coisas que o comprometem na sua sexualidade. Percebe-se que lhe abre a porta só para o calar. Insultos, mais uma vez... até que Rusty tenta relativizar a sua condição de saúde, acrescentando que ele se está a “esconder da vida” (e tinha razão... Rusty estava muito certo nesta observação).

Walt aceita continuar com as aulas de canto. Inicialmente, a aula decorre muito bem, sempre com o incentivo constante de Rusty, apesar de Walt não ter aceitado algumas músicas, dizendo que gosta de tango. Diz que *era* um bailarino de tango, quando Rusty lhe perguntou se dançava tango. Perante a resposta de Walt, Rusty diz-lhe “vai ser novamente, eu sei”. Será que Rusty está certo? Seria um bom indicador de resultado!

A determinado momento da aula, entram os companheiros de Rusty, que tentam aproximar-se de Walt. Rusty percebe que Walt não está a apreciar esta aproximação e pede-lhes para saírem. Walt inicia uma conversa com Rusty, querendo saber mais sobre ele. Rusty responde.

Walt continua a viver e a fazer sozinho as suas atividades de vida diária com todas as limitações físicas. Observa pela janela uma desavença entre Rusty e um “desconhecido” para nós e para Walt. Abre a porta e vê Rusty nas escadas sozinho e a chorar. Fecha a porta, parecendo querer dizer que não se importaria com o que tinha acontecido, mas não foi isso que sentiu. Na aula seguinte a este episódio, Walt quis saber a razão daquela desavença. Walt continuava a interessar-se por Rusty... emergiu uma conversa em que se desvendaram segredos da vida dos dois. Houve até momento de humor. Quem diria!

Lembram-se da mulher com quem Walt dançava tango? Pois, bem... ele telefonou-lhe para se encontrarem (que bom indicador de processo!), mas quando disse que todo o dinheiro que tinha estava a ser gasto nos tratamentos, ela “adiou” o encontro. Parece-nos o começo de uma rutura deste relacionamento, mas da parte dela.

Começa a construir uma relação com os *drag queen*, mas pede ao fisioterapeuta e ao colega de trabalho que o visitou novamente, para não o criticarem por isso. Continua a interessar-se pela vida de Rusty. Já se apoiam um ao outro, porque afinal Rusty também tem as suas fragilidades e problemas. Há que dizer que Rusty dava aulas de canto e fazia costura para conseguir dinheiro para mudar de sexo, disse ele.

Um grupo de amigos visita Walt e ele recebe-o. Jogam às cartas (outro bom indicador de processo). Neste momento bate à porta a mulher que ele sempre rejeitava para dançar no clube, de seu nome Tina, lembram-se? Os amigos saem e Walt fica com ela. Tina traz-lhe flores e uma coletânea de tangos. Ele agradece, essencialmente, a música. Tina convida-o para dançar e tira-lhe a pirâmide de tripé. Dançam sem sair do sítio e, a determinada altura, Walt diz que não tem dinheiro. Tina nunca quis o dinheiro de Walt e ele só agora percebeu. Monta-se um ambiente romântico. Não resultou bem, porque Walt não acreditou na atitude e comportamento sinceros de Tina. Tina saiu desiludida e triste. Walt não conseguiu desligar-se da crença que tinha acerca de Tina e não aproveitou a sua ajuda! (um indicador de processo negativo)

Vê-se Walt a caminhar na rua ainda com o tripé com os amigos, com o fisioterapeuta (outro indicador de processo positivo). Começa a não ter preconceito de ser visto na rua com todas as suas limitações físicas. Faz exercícios vocais em casa sozinho e continua com as aulas de canto.

Observa-se Walt, agora, a caminhar na rua sozinho. Walt quer continuar com as aulas de canto, mas Rusty pensa que ele já não precisa de gastar mais dinheiro.

Walt vai a casa dos *drag queen* e é recebido em festa, onde o amigo de trabalho, o fisioterapeuta, a médica e os vizinhos também estão. Walt envolve-se na festa... e diverte-se.

Saem todos e ficam apenas Walt e Rusty. Rusty manifesta que nunca pensou poder ajudar uma pessoa como Walt: um herói! Walt diz que está assustado. Diz que tem medo que “aquela” mulher nunca mais queira dormir com ele. Confessam segredos... como dois grandes amigos (uma nova relação – novos relacionamentos, mas este tornou-se muito sólido). Um apoio mútuo, como fazem os amigos! Rusty conta-lhe que foi ele que ficou com o dinheiro, decorrente da trama do filme, que não interessava para esta análise, até ao momento.

Agora faz sentido, porque só apenas Rusty sabia onde estava o dinheiro, que tantos procuravam, e que motivou violência entre algumas personagens. Conta a Walt e diz-lhe onde está, vejam só! Rusty diz que o dinheiro é para ser gasto na cirurgia de mudança de sexo e Walt reage mal, porque Rusty quando aceitou dar-lhe aulas disse que o fazia porque precisava do dinheiro. Walt considera que o fez por pena... e a cena termina mal; em zanga; com insultos, e Walt sai. Pensamos: vai retroceder; e depois refletimos: é normal nos processos de transição.

Walt entra no salão de dança, já sem pirâmide de tripé, embora com limitações e com um ramo de flores. A rapariga com quem sempre dançava, e que agora sabe que Walt não tem dinheiro, dirige-se a

ele, mas ele reage com indiferença. As flores eram para Tina, a rapariga que implorava sempre dançar com ele e que nunca conseguiu; só conseguiu aquele bocadinho em casa, mas que terminou mal, como sabem.

Walt convida Tina para dançar e, mesmo com as suas limitações físicas, Walt consegue fazê-lo muito bem. Todos param e os observam, como faziam quando ele dançava com a outra mulher. Lembrem-se de Rusty lhe dizer que “vai ser novamente, eu sei”, referindo-se a ser bailarino de tango? E nós perguntámos a nós próprios “Será que Rusty está certo? Seria um bom indicador de resultado”. Pois estamos perante um indicador de resultado, sim... mestria.

Walt envolve-se em cenas íntimas com Tina. Apesar de estar nervoso, tudo resulta bem.

Deitado na cama, Walt ouve barulho na casa de Rusty. Com dificuldade, ainda, pega na arma que tinha na mesinha de cabeceira e vai defender Rusty. Dispara e faz de tudo para o proteger. Os que procuravam o dinheiro, desconfiaram de Rusty e, por isso, o procuraram. Cena muito violenta. Walt fica ferido. Já na ambulância, Rusty tenta entrar para o acompanhar, mas como só permitiam o acompanhamento de familiares, ele disse que era irmã. Walt confirma o parentesco; os enfermeiros perguntam-lhe como irá pagar os cuidados de saúde e Rusty antecipa a resposta de Walt: “Dinheiro. Hospital de Nova York. Eu quero os melhores médicos.” Walt com humor, demonstrado também com um sorriso, ainda mal desenhado, diz-lhe: “ainda bem que não fez a cirurgia”.

Chegamos ao homem 2. (Saída). Um homem que, durante este processo de transição, nos mostrou as condições inibidoras e facilitadoras; nos mostrou alguns indicadores de processo negativos e positivos e que nos mostrou, ainda, como se chega a ser mestre ao lidar com a sua nova condição de saúde e como integrou a doença na sua vida. Mostrou-nos também como se ajustou ao contexto social e como se coordenou com os antigos e novos papéis (reformulação da identidade). Houve “envolvimento”? Houve, com retrocessos e avanços, condições características das transições. Houve “consciencialização”? Sim, porque o nível de consciencialização influencia o grau de envolvimento. Existiu “mudança e diferença”? Sim, porque ao longo da sua transição, Walt experienciou mudanças significativas em si, no ambiente que o rodeava e na forma como percebeu essa mudança. A diferença manifestou-se quando Walt se confrontou com a nova realidade e com suas as expectativas; sentiu-se diferente, viu-se como diferente e viu o ambiente e os outros de forma diferente, o que o levou a mudança de comportamentos e de percepções. Decorreu durante um período de tempo? Sim. O processo que Walt vivenciou exigiu um tempo para se adaptar, rompendo com o seu habitual estilo de vida e viver com todas as condições inerentes à

sua transição, ajustando-se à sua nova condição de saúde e, pensamos nós, conseguindo o equilíbrio possível. Existiram “pontos críticos”? Sim. Houve momentos de instabilidade, de recusa e incerteza.

O homem 2 é o homem 1 mais a suas vivências ao logo deste processo.

Foi um processo fácil? Não. É um filme? Sim. Mas alguns filmes ensinam-nos muito. O cinema é uma bênção. Só temos de tirar dele o que mais nos interessa. A nós interessou-nos fazer esta análise. É apenas a *nossa* análise, subjetiva, claro. Cada um “lerá” o filme à luz do que mais lhe interessar.

Gostaríamos de ver ainda Walt a jogar ténis de forma vigorosa, mas pensamos que, ainda assim, conseguiu transitar saudavelmente.

Não podemos terminar sem dizer que o argumento deste filme trata outras questões muito atuais e que, na nossa perspetiva, merecem ser refletidas, como por exemplo, a identidade de género e o estigma que a circunda.

Obrigada a todos os atores.

Obrigada ao realizador e produtor, Joel Schumacher, que nos deixou este ano.

Um bem-haja especial a Robert De Niro (Walt) e a Philip Hoffman (Rusty), que também já nos deixou há 6 anos, pelas suas extraordinárias interpretações.